

Histórias e Memórias dos cafeicultores no Paraná: o cotidiano e as práticas de trabalho da população de Marialva (1940-1960)

Amanda Palomo Alves¹
Sandra C.A. Pelegrini²

*Quem faz a História
Quem construiu a Tebas das sete portas?
Nos livros constam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra?
E a Babilônia tantas vezes destruída
Quem ergueu outras tantas? (...).*
Bertold Brecht (1898-1956)

Conhecendo um pouco mais sobre a história de uma cidade e compreendendo-a como um espaço de vivências, percebemos a importância da figura dos primeiros moradores no processo de (re) ocupação de uma região. Neste sentido, o presente artigo objetiva registrar histórias de vida que revelem o cotidiano e as práticas sócio-econômicas do município de Marialva (Nordeste do Paraná), entre os anos de 1940 e 1960. Para tanto, foram utilizados depoimentos orais de antigos moradores da cidade e fotografias referentes ao período supracitado.

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá; Pesquisadora do Centro de Estudos das Artes e do Patrimônio Cultural (CEAPAC/UEM); Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros (NEIAB/UEM). dinhapalomo@hotmail.com

² Doutora em História pela Universidade de São Paulo. Docente da Universidade Estadual de Maringá (UEM); Coordenadora do Centro de Estudos das Artes e do Patrimônio Cultural (CEAPAC/UEM). sandrapelegrini@yahoo.com.br

Sob esta ótica, nosso artigo se propõe a apresentar, primeiramente, algumas reflexões acerca do processo de (re) ocupação da região do Norte Novo do Paraná e a participação da Companhia Melhoramentos neste contexto. Em seguida, abordaremos questões relacionadas às formas de sobrevivência daqueles que se radicaram em Marialva. As imagens registradas em fotografias e as memórias reveladas nos depoimentos são valiosas fontes para a apreensão dos sentidos atribuídos às práticas cotidianas, aos sorrisos e às palavras sussurradas ou não ditas.

A importância da cafeicultura em Marialva e região

Situada no Noroeste do Paraná (aproximadamente 430 km da capital Curitiba), Marialva foi elevada a município no dia 14 de novembro de 1951 através da Lei Estadual número 790, desmembrando-se de Mandaguari. A instalação solene ocorreu no dia 14 de novembro de 1952 com a posse do primeiro prefeito, Antônio Garcia Neto e com a instalação da câmara de vereadores.

O nome dado à cidade, segundo fontes oficiais do Município, constitui uma homenagem ao cavaleiro português D. Pedro de Alcântara de Menezes - o “Marquês de Marialva”. Porém, o termo pode estar relacionado a outras explicações, tais como: Marialva seria uma derivação originada da língua ugarítica criada por volta do século XIV e fundamentada em sinais cuneiformes como *mhr aby* [mor aby ou mar avi], cujo significado remete ao vigor paternal ou ancestral. Tal expressão teria surgido, segundo João Carlos Vicente Ferreira, vinculado a “*Maria Ave* na Serra de Mora, em Portugal”³.

³ FERREIRA, João Carlos Vicente. *Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006, p. 186. O referido Caderno, publicado em 2006, é o número 5 de uma coleção de seis números intitulada “Cadernos Paraná da Gente”. Estes Cadernos foram publicados pela Secretaria de Estado e Cultura do Paraná e nos trazem informações e curiosidades sobre o Estado do Paraná. Os textos foram coordenados por Renato Augusto Carneiro Junior.

Os depoimentos de alguns dos primeiros habitantes da cidade sugerem, ainda, que o topônimo refere-se a uma antiga história local, onde há menção sobre uma mulher que residia próxima a Mandaguari e se chamava Maria dos Alves (ou Maria Alva)⁴. Tal alcunha poderia estar articulada também à fábula “Damas dos Pés de Cabra”, narrada por Alexandre Herculano no ano de 1851, segundo a qual, Marialva seria uma linda moura com pés de cabra que nutre uma paixão impossível por um cavaleiro cristão⁵.

A despeito das veleidades que o nome atribuído à cidade pode suscitar, cabe-nos lembrar que o município possui características agrícolas e foi idealizado e fundado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Seu desenvolvimento está relacionado ao expansionismo da cultura cafeeira, destacando-se como grande exportador do produto no início do século XX. Na atualidade, embora a cidade cultive soja e trigo, é reconhecida como “Capital da Uva Fina” e considerada a maior produtora de uvas do Paraná. Segundo matéria publicada no site da Emater (2009), Marialva possui aprox. 750 produtores⁶ cultivando a fruta em 1,5 mil hectares de parreira e produção estimada em 50 mil toneladas⁷.

Em “O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá”⁸, a estudiosa France Luz afirma que o povoamento no Norte do Paraná decorreu de três importantes fatores: expansão da cafeicultura paulista, existência de grandes extensões de terra roxa (valorizada por sua fertilidade) e a conjuntura econômica nacional após a crise de 1929. Contudo,

⁴ Ibidem, p. 186.

⁵ Esta referência pode ser encontrada na obra: HERCULANO, Alexandre. *Lendas e Narrativas*. Lisboa: Bertrand, 1970 ou através do site: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em novembro de 2007.

⁶ Lembramos que Marialva possui uma população estimada em 31.397 habitantes, sendo que 22.113 vivem na zona urbana e 6.589 na região rural do município. Informações disponíveis no site: http://www.marialva.pr.gov.br/index.php?p=histo_Acesso em maio de 2010.

⁷ SCHMITT, Sérgio H. *Uva mobiliza Marialva*. Maringá, 9 de novembro de 2009. Artigo disponível no site: <http://www.emater.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1847>. Acesso em maio de 2010.

⁸ LUZ, France. *O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá*. Maringá: Prefeitura Municipal de Maringá, 1997.

acordamos com Nelson Tomazi quando destaca que grande parte dos discursos envolvendo o tema omite e desqualifica a presença indígena no Estado. Deste modo, o autor emprega o termo “(re) ocupação” e assevera: “a região em estudo já estava ocupada por vários povos indígenas e também por caboclos dispersos, que estruturavam suas vidas longe dos padrões que o capitalismo define como modernos”⁹.

Ao indicarmos a cafeicultura como um dos fatores responsáveis pelo processo de (re) ocupação do Norte - paranaense, reiteramos que a procura por “terras roxas” foi de extrema importância neste contexto. José R. Lapa do Amaral¹⁰ afirma que este tipo de solo é o mais favorável à cafeicultura no Brasil e ao descrevê-lo salienta que se trata de uma terra vermelho-escura, resultante da decomposição de lençóis de rochas efusivas basálticas e permeáveis. Por ser de origem vulcânica, contém proporção de óxido de ferro capaz de aumentar sua porosidade, o que facilita a penetração e circulação da água e permite o desenvolvimento das raízes das plantas. A coloração escura da terra retém o calor resultante da energia solar, do teor da matéria orgânica e da umidade que, por sua vez, constitui um poderoso agente para os fenômenos químicos e bacteriológicos, beneficiando assim, a nutrição do pé de café.

Desde o início do século XX, a procura por terras férteis e os programas de defesa do café provocaram a expansão dos cafezais no Paraná. A política de valorização do produto e o decréscimo da disponibilidade de “terras roxas” em São Paulo, neste período, impeliram colonos e lavradores a se interessarem pelo investimento em propriedades no Norte do Paraná, onde as companhias particulares de colonização, e depois o Estado, facilitaram a sua aquisição. Porém, é importante considerarmos que a identificação dessa localidade com as características da “terra roxa” é um dos elementos da construção discursiva que enaltece o Norte - paranaense,

⁹ TOMAZI, Nelson. *Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias*. Curitiba, 1997. Tese (Programa de Pós-Graduação em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997, p. 21.

¹⁰ LAPA, José R. A. *A economia cafeeira*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 57.

uma vez que tende a consolidar a idéia de homogeneidade do solo, entre outros aspectos. Tomazi é contundente quando comenta:

(...) o discurso “Norte do Paraná”, partindo de uma pretensa uniformidade territorial e pedagógica, procura apagar toda a diversidade existente. Como um discurso unificador, parte da questão solo/território para depois homogeneizar o social, o econômico e o político buscando silenciar, por questões ideológicas, a diversidade do real¹¹.

Este conjunto de fatores contribui para o movimento de (re) ocupação territorial do Norte do Paraná cujo crescimento populacional foi bastante significativo entre os anos de 1920 e 1960. Do ponto de vista de Luz, este afluxo demográfico esteve relacionado à existência de grandes extensões de terras ainda inexploradas nas regiões Norte e Oeste do Estado. Nestes termos, a fertilidade do solo, em especial da “terra roxa”, teria impulsionado o desenvolvimento da agricultura local. Duas frentes pioneiras formaram-se neste processo: a frente pioneira do Norte, como prolongamento da expansão cafeeira do Estado de São Paulo e a do Oeste, como resultado da penetração de colonos descendentes de alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul e do Oeste de Santa Catarina¹².

A subdivisão mais conhecida aquinhoa o território em questão em: “Norte Velho” ou “Norte Pioneiro”, “Norte Novo” e “Norte Novíssimo”. A historiografia define os contornos desta área da seguinte maneira: o “Norte Velho” compreende a divisa Nordeste com São Paulo até o município de Cornélio Procopio, o “Norte Novo” é delimitado pelos rios Tibagi, Ivaí e Paranapanema e o “Norte Novíssimo” se estende do rio Ivaí ao Paraná e ao Piquiri. O primeiro foi (re) ocupado pelos paulistas durante os anos de 1860 a 1925, o segundo em meio às décadas de 1920 e 1950 e o terceiro entre 1940 e 1960. Todavia, esta divisão, geralmente utilizada pela literatura es-

¹¹ TOMAZI, op. cit., pp. 111-112.

¹² LUZ, op. cit., p. 2.

pecializada, pressupõe a idéia de que a (re) ocupação se deu de forma linear, com etapas bem-definidas.

Nelson Tomazi questiona tal cronologia, pois do seu ponto de vista ela “[...] traz no seu bojo, uma determinada construção e visão do processo da (re)-ocupação da região, onde a Companhia de Terras aparece como o novo, sendo que o que existia antes de sua presença era o velho e depois dela o novíssimo¹³.

Em 1920, a população total do Norte do Paraná era de 72.627 habitantes, aproximadamente 10,6% da população do Estado. Passados vinte anos este contingente populacional passou para 340.449 pessoas, ou seja, houve um acréscimo de 368,8%. Os dados evidenciam que, em 1940, a região atingiu uma densidade demográfica aproximadamente cinco vezes maior que a de 1920, dobrando sua participação no cômputo geral da população estadual na primeira metade do século XX¹⁴. É importante considerarmos, ainda, que o desenvolvimento de toda essa região ocorreu a partir de 1929, ano em que a Companhia de Terras (a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná) iniciou sua atividade “colonizadora”.

Tomazi afirma que no ano de 1925 foi instaurada uma política que visava permitir que empresas particulares promovessem a (re) ocupação das terras novas do Norte - paranaense. Desde então, um grupo de capitalistas ingleses interessou-se pela compra de uma grande extensão de terras nesta localidade. Estes investidores, liderado por Simon Joseph Frazer (mais conhecido como Lord Lovat), estavam no país como integrantes da missão Montagu¹⁵. O plano de “colonização” executado dividia as terras em zonas sucessi-

¹³ TOMAZI, op.cit., p.126.

¹⁴ France Luz afirma que a região chegou a reunir 267.822 habitantes. Op.cit., p. 21.

¹⁵ Desde o ano do Centenário da Independência, o governo do presidente Arthur Bernardes desenvolvia gestões para que técnicos ingleses viessem ao Brasil estudar sua situação financeira, econômica e comercial. Esta missão inglesa foi chefiada por Lord Montagu. COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, São Paulo: Publicação comemorativa do cinquentenário da CMNP 1977, p.42.

vamente colocadas para venda e os compradores, atraídos pelos preços acessíveis e pela intensa propaganda feita pela Companhia, provinham de diversas partes do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Santa Catarina e também do exterior: Japão, Itália, Alemanha e Polônia.

Tendo em vista a importância das atividades relacionadas ao cultivo do café nos diversos aspectos do desenvolvimento e na vida das pessoas que se radicaram na região supracitada, julgamos necessária uma breve incursão na trajetória do denominado “ouro verde”. Introduzido no Brasil na primeira metade do século XVIII, o consumo do produto se expandiu rapidamente e em meados do século XIX já havia se tornado a principal cultura de exportação do país¹⁶. Em meados de 1960, “o Paraná produziu quase um terço da produção mundial, metade da produção brasileira, quase o dobro da produção africana e três vezes a produção colombiana”¹⁷. Com base em tal afirmação, podemos apreender os sentidos e o significado da cafeicultura no Estado do Paraná.

Nadir Cancian entende a cafeicultura paranaense como um prolongamento da marcha para o Oeste, realizada pelos paulistas. Dentre os fatores que contribuíram para atrair fazendeiros e pequenos agricultores, a historiadora ressalta a busca de terras adequadas para o plantio de café, o declínio da produção dos cafezais em outras regiões e a proibição do plantio em vários Estados da União, inclusive em São Paulo.

Cancian aponta a relevância de três períodos principais da produção cafeeira. No primeiro deles, circunscrito aos anos de 1903 e 1929, tal produção teria sido incentivada

¹⁶ Até 1880, a maior parte do café brasileiro era cultivada por mãos escravas em Estados do Norte, Nordeste e Região Oeste do Rio de Janeiro, então capital do Império. Quando as terras férteis do Vale do Paraíba se esgotaram, a trajetória do café seguiu em direção ao Sul, São Paulo e Oeste da província. STOLCKE, Verena. *Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 11.

¹⁷ SECRETARIA DE AGRICULTURA. “O Paraná e a economia cafeeira”, p. 1/13, apud CANCIAN, Nadir. *Cafeicultura Paranaense: 1900/1970*. Curitiba: GRAFPIR, 1981, p. 122.

pelos altos preços do café e beneficiada por políticas governamentais. No período seguinte, de 1930 a 1944, a conjuntura recessiva, a crise de 1929 e os efeitos da Segunda Guerra Mundial não favoreceriam os investimentos, uma vez que o Brasil possuía um grande estoque do produto. Já na terceira conjuntura destacada pela autora, a produção teria se dinamizado em função dos altos preços praticados entre 1945 e 1970¹⁸.

Nesta linha de abordagem, Lapa chama a atenção para o fato de que, entre as décadas de 1930 e 1940, mais precisamente 1944, teria sido deflagrada a mais grave e prolongada crise enfrentada por aqueles que se ocupavam da lavoura cafeeira. A superprodução levaria o governo a promover a queima de setenta e oito milhões de sacas em pouco mais de uma década¹⁹.

Por certo, enquanto muitos cafeicultores (não raro, latifundiários) abandonaram seus cafezais, outros se dirigiram para o Paraná, onde predominaram as pequenas e médias propriedades, organizadas com base na mão-de-obra familiar. A região cafeeira no Estado compreendia, em sua quase totalidade, o Terceiro Planalto Paranaense (também denominado Planalto de Guarapuava). Na década de 1930, inaugurou-se uma nova etapa na extensão do plantio de cafeeiros, pois a “colonização” atingiu o Norte Novo de Londrina e no final dessa mesma década e início dos anos 1940, a expansão cafeeira alcançou o Norte acima de Londrina - o Norte Novo de Apucarana - e, simultaneamente, foram vendidos os primeiros lotes de terras no Norte Novo de Maringá.

Não houve grande expansão de áreas cafeeiras no Paraná até a década de 1940 devido aos efeitos das geadas, fenômeno considerado um dos “inimigos” naturais do café²⁰.

¹⁸ CANCIAN, *ibidem*, p. 33.

¹⁹ LAPA, *op. cit.*, p. 53.

²⁰ As finas camadas de gelo que se formam com a queda brusca de temperatura prejudicam os cafezais, danificam as folhas e comprometem a florada. A prevenção e a proteção contra as geadas envolvem inúmeros cuidados que vão desde a localização das plantações até a nebulização artificial da atmosfera, feita na mesma noite em que ocorre o fenômeno.

Nos anos cinquenta do século XX, o crescimento da cultura do café tomou grande impulso e o Norte Pioneiro chegou a liderar produção de café no Paraná, atingindo sua fase mais produtiva em 1960. Sob a ótica de France Luz, esta foi a localidade de “predileção da cafeicultura” nos anos 1950²¹.

Os efeitos da Grande Depressão sobre a produção de café em São Paulo e o desestímulo ocasionado pelos preços baixos incitaram um grande contingente de agricultores paulistas a abandonar seus cafezais. Nas décadas de 1930 e 1940 muitos destes homens dirigiram-se ao território paranaense em busca de terras férteis, onde os custos da produção estavam condizentes com os preços. Neste contexto, chegam na região de Marialva os primeiros produtores de café, em sua maioria, descendentes de japoneses e italianos.

Trajetórias de vida na história de Marialva

Se admitirmos que o café foi o principal fator da (re) ocupação e valorização das terras do Norte do Paraná, devemos ratificar que este processo acarretou uma grande expansão demográfica no Estado, levando-o a uma importante posição econômica na conjuntura nacional. Ademais, o café provocou a migração para a zona rural de um forte contingente de pessoas vindas de outras áreas do país em busca de oportunidades de trabalho e movidas pela esperança de conseguir recursos para adquirir suas próprias terras²². É importante frisarmos, também, que a lavoura cafeeira não propiciou prosperidade apenas para a zona rural, pois estimulou a criação de núcleos urbanos e atividades comerciais. O avanço dos cafezais levou à abertura de estradas e ao surgimento de vilas e cidades, de máquinas de beneficiamento e de empresas especializadas em exportação de café, dinamizando os diversos setores da vida urbana e modificando a paisagem.

²¹ LUZ, op.cit., p. 116.

²² Ibidem, p.122.

No decorrer da realização de nossas entrevistas e coleta de depoimentos, nos deparamos com um considerável número de fotos que nos remeteram a imagens de Marialva nas décadas de trinta, quarenta, cinquenta e sessenta do século XX. O critério utilizado na seleção das imagens baseou-se na intenção de captar, através delas, as práticas cotidianas dos cafeicultores entre os anos de 1940 e 1960. As entrevistas objetivaram reavivar memórias relevantes para a compreensão dos modos de viver que acompanharam a expansão cafeeira no município.

Ao optarmos por “dar voz” aos homens e mulheres que vivenciaram este período, estamos, na verdade, tentando recuperar memórias acerca do dia-a-dia do município e de seus habitantes. Atualmente, a maioria dos historiadores concorda que a memória não pode ser vista simplesmente como um processo parcial, limitado aos aspectos de recordação de fatos passados e, tampouco, de importância secundária para as ciências humanas, mas sim, como a construção de referenciais sobre tempos pretéritos, do presente e daqueles que estão por vir. Nesta perspectiva, a afirmação de que as pessoas são as protagonistas da história fortalece ainda mais a idéia de que nossas memórias possuem um valor social e nos potencializam como sujeitos de nossas próprias histórias e também das de nosso grupo. Alessandro Portelli salienta que a memória é construída por indivíduos, mas também “é social e pode ser *compartilhada*, razão pela qual cada indivíduo tem algo com que contribuir para a história social”²³.

O trabalho com a memória exige que o pesquisador leve em consideração pressupostos teóricos e metodológicos importantes. Em primeiro lugar, entendemos que a memória é seletiva, ou seja, nem tudo fica registrado na mente de uma pessoa. Assim, a relação entre memória e esquecimento evidencia que essa constitui um fenômeno construído, pois o que grava, exclui, recalca ou lembra é o resultado de um

²³ PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana – Toscana, 29 de junho de 1944: mito e política, luto e senso comum” In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 127.

trabalho de sistematização seletiva (individual ou coletiva). Sob esta ótica, acordamos com Michael Pollak quando este demonstra que existe uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade:

A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida de maneira como quer ser percebida pelos outros. (...) A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros²⁴.

Em outras palavras, podemos afirmar que a imagem que o indivíduo tem de si mesmo é, portanto, produto de sua experiência social. Levando-se em consideração que a identidade se faz pouco a pouco, baseada na experiência vivida, rememorada, podemos depreender que a memória é um componente essencial para a identidade do indivíduo e sua integração social. Nestes termos, a narrativa oral permite recuperar histórias de vida e identidades à medida que o entrevistado, ao narrar sua história, (re) constrói sua identidade.

João Carlos Tedesco assinala que no processo de lembrar ou retomar as reminiscências, a fonte oral é de fundamental importância, uma vez que ajuda o pesquisador a desvelar as trajetórias individuais. Ela permite articular o passado ao presente e desenvolve a arte dialógica entre entrevistado e entrevistador aprimorando neste, a arte de ouvir: “As memórias são compostas da multiplicidade de imagens que constituem vários passados, vão-e-vem, atendendo às solicitações do presente. Essa relação é capaz de estabelecer contemporaneidade com o passado pela voz do narrador”²⁵. A história oral é um recurso utilizado por estudiosos e pesqui-

²⁴ POLLAK, Michael. “Memória e Identidade” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, p.5. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em outubro de 2007.

²⁵ TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF/EDUSC, 2004, p.116.

sadores de diferentes áreas do conhecimento. Paul Thompson explora o tema e nos apresenta encaminhamentos importantes para a realização de uma entrevista como a necessidade do uso do gravador, o local onde a entrevista deve se realizar, sugestões na elaboração das perguntas a serem feitas e a relação do entrevistador com o entrevistado.

Assim, destacamos a entrevista efetuada com a senhora Irene Negri Coluci. Quando questionada sobre o porquê de seus pais terem se mudado para o Estado do Paraná, essa senhora menciona que, embora fosse criança, entende que seus pais se mudaram para a região de Marialva com vistas a “melhorar de vida”, e acrescenta: “[...] O Paraná era mais novo, né? Então, todo mundo vinha pra plantar café... E plantavam viú? Nossa! Colheram muito café aqui no Paraná!”. E continua: “Todo mundo plantava arroz, feijão, milho e café! Todo mundo!”²⁶. Neste relato, e em outros coletados durante as entrevistas, as palavras “oportunidade”, “progresso” e “igualdade” foram mencionadas recorrentemente. Este aspecto denota certa assimilação desse tipo de discurso no processo de (re) ocupação das terras do Norte do Paraná.

Durante nossa pesquisa tomamos a fotografia como “gatilho de memória”, ou seja, como uma fonte imagética capaz de suscitar recordações e reminiscências. Assim, julgamos importante destacar que nos últimos anos a fotografia deixou definitivamente de ser um mero instrumento ilustrativo da pesquisa para ser vista como um documento importante na produção do conhecimento sobre determinados períodos da história, acontecimentos e grupos sociais.

A proposta de utilizar diferentes fontes na pesquisa histórica não é recente. A trajetória da *École des Annales*, iniciada por seus fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre e seguida por historiadores como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Georges Duby, reforça essa opção metodológica. Ana Maria

²⁶ Entrevista realizada no dia 11/07/2007 na residência da Sra. Irene Negri Coluci situada na Av. Oreste Nápoli, n°. 219, em Marialva. Recurso utilizado: gravador; 40 minutos de gravação e 1 hora de diálogo. Embora tenha dedicado grande parte de sua vida aos afazeres da lavoura, atualmente a Sra. Negri se ocupa exclusivamente com os serviços domésticos.

Mauad²⁷ comenta que ao longo de mais de setenta anos o “grupo dos Annales” elaborou uma prática historiográfica que tem como princípios básicos três elementos principais: abordar a história como um questionamento (a história-problema), a intertextualidade e a interdisciplinaridade. Estes princípios têm contribuído para promover a aproximação da história com outras disciplinas das Ciências Humanas, no sentido de desenvolver uma metodologia adequada aos novos e diferentes suportes documentais.

Boris Kossoy²⁸ também assevera que a fotografia “dentro das demais fontes de informação históricas não convencionais, [é] uma das que têm atraído o interesse de um número maior de pesquisadores” e se tornado “um eficaz instrumento de descoberta e análise dos cenários e fatos do passado”. Além disso, a imagem fotográfica tomada como documento é capaz de evidenciar aspectos da vida material de um determinado tempo do passado, revelando aspectos da arquitetura, indumentária, formas de trabalho, locais de produção, elementos de infra-estrutura urbana, mão-de-obra, meios de produção e instalações diversas.

Sendo a fotografia uma “produção do social”, concordamos que este tipo de documento deve ser tratado como um texto e como suporte de relações sociais, cuja compreensão está ligada à técnica e aos contextos de leitura e recepção²⁹. Nesta direção, cabe-nos corroborar com as assertivas de Kossoy, quando ele se refere a necessidade da contextualização da imagem:

A fotografia se refere a um micro-aspecto do mundo, a uma determinada realidade que ela registra. No entanto, queremos sempre saber mais a respeito daquilo que se acha gravado na fotografia. Porque temos a consciência que o que

²⁷ MAUAD, A. M. “Através da Imagem I: possibilidades teórico-metodológicas para o uso da fotografia como recurso didático, uma experiência acadêmica” In: *Primeiros Escritos*, julho e agosto de 1994, n. 01, p. 1. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/labhoi/> Acesso em setembro de 2007.

²⁸ KOSSOY, Boris. “Imagem fotográfica e história” In: *História Viva*, janeiro de 2006, n. 27. Disponível em <http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/> Acesso em setembro de 2007.

²⁹ MAUAD, op.cit., pp.1-9.

vemos se conecta a inúmeros fatos sobre os quais nada sabemos; e que podem contextualizar a imagem: um registro de aparências, composto de múltiplas realidades. A realidade da fotografia não corresponde (necessariamente) à verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência. Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica, em seus múltiplos desdobramentos sociais, políticos, culturais, que circunscreveram no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória³⁰.

De acordo com tal expectativa, devemos ter consciência de que a decifração das imagens vai muito além das aparências, do seu conteúdo e da sua “realidade interior”. A imagem deve ser desvendada segundo metodologias adequadas de análise e interpretação, caso contrário a reduziremos a ilustrações sem densidade histórica.

Outro ponto que gostaríamos de destacar está relacionado ao pensarmos a fotografia como um documento capaz de “manter acesa a chama da memória” de um indivíduo ou grupo, como bem nos recorda Pelegrini e Teixeira:

A memória construída em torno de momentos considerados importantes e necessários para se eternizar uma determinada imagem da “colonização” utiliza-se da fotografia como um documento capaz de manter viva a memória, de garantir a coesão do grupo em torno de valores comuns e de contribuir para perpetuar modos de vida, conhecimentos e técnicas³¹.

Sob esta ótica, Kossoy afirma com veemência: “qualquer que seja o tema representado numa fotografia é a lembrança que ela traz de uma época desaparecida o aspecto simbólico sempre recorrente”³². As fotos que seguem fazem

³⁰ KOSSOY, op.cit., pp. 1-2.

³¹ PELEGRINI, Sandra C.A. e TEIXEIRA, Joubert. P. “O olhar fotográfico e a construção das identidades no município de Santa Fé/ Paraná” In: *Anais do XVIII Encontro Regional de História: O Historiador e seu tempo*. Assis, São Paulo: Anpuh – São Paulo, 2006, v. 1, pp. 1-9.

³² KOSSOY, op.cit., p. 1.

parte do acervo pessoal de Nobuyuki Inumaru, um dos primeiros moradores do município.



Foto 1: Autor: desconhecido. Acervo particular de Nobuyuki Inumaru. Acesso em setembro de 2007



Foto 2: Autor: desconhecido. Acervo particular de Nobuyuki Inumaru. Acesso em setembro de 2007

Não sabemos a data precisa em que as fotografias 1 e 2 foram registradas, mas podemos perceber que elas retratam a derrubada da mata, um dos momentos do processo de (re) ocupação de onde hoje se encontra a cidade de Marialva. Desta forma, concluímos que estas fotografias referem-se aos últimos anos da década de 1930 e início dos anos 1940.

Nobuyuki Inumaru participou do processo de desmatamento e destaca em sua fala: “Quando chegamos aqui era tudo mato”³³. Na foto n.º 1 podemos vê-lo sentado (segundo homem da esquerda para direita) almoçando com seus companheiros de trabalho. De acordo com o depoimento de Nobuyuki, ele e seus amigos se propunham a trabalhar na derrubada da mata nos fins de semana para arrecadar dinheiro e poderem participar dos jogos da cidade (como o *baseball* e a corrida), que se constituíam em um dos momentos de lazer da comunidade nipônica marialvense naquela época. É importante destacar que a reação de Nobuyuki ao ver a foto n.º 1 foi de surpresa e encantamento, quando se recordou de que o esforço do trabalho na derrubada da mata tinha o intuito de financiar os jogos de fim de semana. Tedesco assinala que aquilo que é esquecido não desaparece e citando Pollak, o estudioso salienta:

A memória possui uma estranha condição: o passado deixa traços indelévels, mas, porém, é o presente que lembra, e o passado se veste, em boa medida, como ao presente agrada. O testemunho faz a mediação entre o ontem e o hoje, leva o passado entre o presente, entretanto, dentro daquilo que nesse chamamos de passado³⁴.

Na foto n.º 2 notamos no primeiro plano a presença de um homem que participou do processo de (re) ocupação. Afirmamos isto não somente pelas roupas - sujas em con-

³³ A entrevista realizada com Nobuyuki Inumaru realizou-se em duas etapas. O primeiro encontro aconteceu em julho de 2007 na residência de Giovani Tonon (outro de nossos entrevistados) e teve a duração de uma hora. Utilizamos anotações como recurso. O segundo encontro ocorreu no mês de setembro do mesmo ano em sua própria residência, com a duração de duas horas e trinta minutos. Sr. Nobuyuki Inumaru faleceu no dia 23 de agosto de 2009.

³⁴ TEDESCO, op.cit., p.121.

seqüência do trabalho - e pela ferramenta nas mãos, mas também por sua postura em relação ao tronco caído. É interessante considerarmos, inclusive, que o tronco escolhido pelo homem e pelo fotógrafo desconhecido que registrou a imagem era grandioso e imponente, tal qual a ação destes homens, comumente denominados “desbravadores”. No plano de fundo, vemos a mata ainda não derrubada, antecedendo a imagem de uma vasta área de cafezais que ali se instalariam anos mais tarde. A postura das crianças sentadas no tronco, posando para a foto e a do homem se inclinando em direção à árvore, realça a idéia de que aquela área estava sendo “desbravada”.



Foto 3: Autor: desconhecido. Acervo particular de Nobuyuki Inumaru. Acesso em setembro de 2007

Na foto n.º 3, podemos perceber a exuberância do pé de café e o orgulho do trabalhador que se empenhou em cultivá-lo. São recorrentes as fotos em que os agricultores e suas famílias posam ao lado ou defronte dos cafeeiros, de modo a sublimar a importância dessa cultura em suas vidas. Assim, enquanto nas fotografias n.º 1 e n.º 2 verificamos o foco centrado no processo de derrubada da mata, observamos na foto n.º 3 o cafeeiro em pleno desenvolvimento. O arbusto é tão alto que se sobrepõe às pessoas - aspecto que denota e ressalta a grande fertilidade da terra roxa na região e a prosperidade que esta proporcionou aos agricultores. Tajemiro Inumaru³⁵ - pai de Nobuyuki Inumaru - está no centro da imagem e seus filhos ao seu lado (Nobuyuki é o filho da esquerda). A aparente timidez dos filhos ao posar para a foto parece não existir no semblante do pai, que, apesar do cansaço de mais um dia de trabalho na lavoura, ostenta com altivez o pé de café repleto de frutos, o que, certamente, garantiria uma “boa renda” naquela colheita.



Foto 4: Autor: desconhecido. Acervo particular de Nobuyuki Inumaru. Acesso em setembro de 2007

³⁵ Natural de Fukuoka Ken nascido em 1898, Tajemiro Inumaru chegou ao Brasil no ano de 1914. Trabalhou em lavouras na Região Noroeste do Estado de São Paulo, chegando a Marialva no dia 7 de setembro de 1939. “Capital Paranaense da Uva Fina” In: *Revista Marialva*. Marialva: Comunidades Nipo-Brasileiras do Paraná, 2002, p. 6.



Foto 5: Autor: desconhecido. Acervo particular de Nobuyuki Inumaru. Acesso em setembro de 2007

Pelas fotos de número 4 e 5 observamos que, em certos núcleos familiares, no trabalho realizado nas lavouras de café não havia distinção de gênero ou idade, pois todos iam à lida: homens, mulheres e crianças.

Giovani Tonon³⁶, 97 anos, natural de São Paulo, salientou em sua fala a presença das mulheres “na roça”. Declarou também que se deslocou para o Paraná com o intuito de trabalhar nas lavouras de café. Chegou a Marialva no dia 25 de março de 1941, acompanhado de três famílias de italianos. Apesar de não mais se dedicar ostensivamente aos afazeres nas lavouras de café, o aposentado Tonon plantou nos fundos de sua residência, alguns pés dessa planta que, orgulhosamente, faz questão de mostrar para os visitantes e de frisar que ele mesmo cuida e prepara o café que consome todos os dias.

³⁶ Giovani Tonon foi entrevistado em julho de 2007. Utilizamos anotações como recurso. A entrevista teve a duração de sessenta minutos.

Em depoimento, Oliderce Tonon Angelotti, sua filha, recorda:

A gente sempre ajudava em casa, na roça. Cedo até 11 hora nós ia na roça, a gente carpia, fazia tudo... varria e colhia o café. Às vezes, a gente já levava a roupa pra ir pra escola, porque era longe. Depois que chegava da escola, ficava um pouquinho trabalhando³⁷.

Pudemos notar na fala da Sra. Angelotti que o trabalho era uma prática cotidiana de todos os membros da família. Os seus referenciais não vão muito além da rotina do dia-a-dia e, geralmente, os pontos de convergência das lembranças eram a casa, a “roça”, a família, o trabalho e a comunidade.

O tema da próxima imagem se ocupa de uma das etapas da construção da tulha, onde eram armazenados os grãos de café.

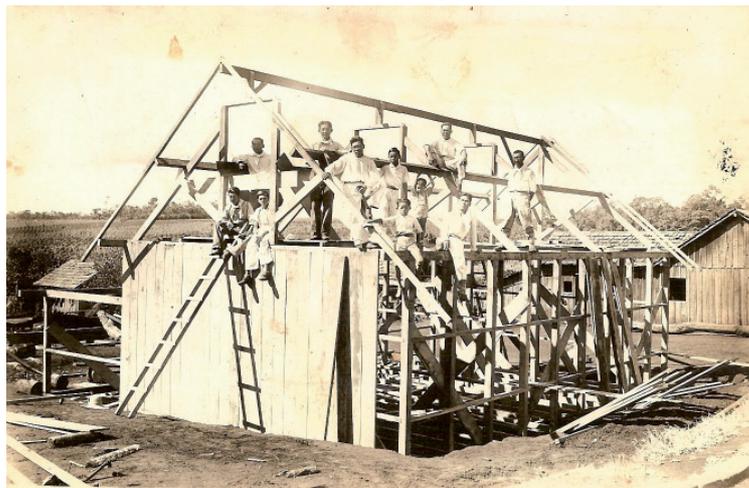


Foto 6: Autor: desconhecido. Acervo particular de Nobuyuki Inumaru. Acesso em setembro de 2007

³⁷ Entrevista realizada com Oliderce Tonon Angelotti (mais conhecida como “D. Nena”) em sua própria residência – Estrada Vieira, km 2- Marialva, no dia 05/07/2007. Na entrevista foi utilizado o recurso do gravador, sendo que foram 20 minutos de gravação e 40 minutos de diálogo. Oliderce Tonon Angelotti, 65 anos de idade, se aposentou e na atualidade se ocupa apenas das tarefas domésticas.

Dependendo do tamanho da fazenda, do número de pessoas que a habitavam, do seu distanciamento em relação aos centros urbanos e do poder econômico do proprietário, criava-se um verdadeiro conglomerado de moradias. Entre as várias edificações erguidas nessas propriedades, as tulhas adquiriam expressiva relevância. Constituíam edifícios grandes, revestidos de madeira, onde o café em coco ou pergaminho era armazenado e aguardava o transporte e beneficiamento. As tulhas também podiam servir de celeiro para a guarda de mantimentos e, geralmente, eram construídas em terreno inclinado, para facilitar a saída do café por gravidade. Cada tulha armazenava cafés de diferentes origens e qualidades³⁸. Acerca do tema, André Argollo acrescenta:

Recomendava-se instalar as tulhas em prédios bem cobertos, revestidos internamente por tábuas e hermeticamente fechados, com tetos independentes e inclinados, para o rápido escoamento das águas, evitando goteiras. O tabuado do teto, bem unido, com encaixe “macho e fêmea”, devia ser total ou parcialmente impermeabilizado, ao menos, nas juntas, para prevenir a infiltração de umidade³⁹.

O autor salienta, ainda, que a entrada na tulha do café vindo do terreiro se fazia por cima com o auxílio de vagonetes, cujos trilhos eram montados sobre um viaduto, em nível ou em rampa suave. Por este motivo, as tulhas eram construídas em nível inferior ao dos terreiros, e o seu telhado possuía, na parte central, uma abertura no formato de chalé, por onde entravam os vagonetes. Ao observarmos a mesma fotografia pensamos também na capacidade do homem de se apropriar do espaço e transformá-lo de acordo com suas necessidades. A construção da tulha, necessária para o armazenamento do café, considerado o “ouro verde” naqueles anos, era reforçada e vigiada de maneira a evitar furtos, incursão de animais e outros problemas.

³⁸ LAPA, op.cit., p. 68.

³⁹ ARGOLLO, André. *A Arquitetura do café*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2004, p.126.



Foto 7 : Autor: desconhecido. Acervo particular de Nobuyuki Inumaru. Acesso em setembro de 2007

As colegiais, representadas na foto acima, se beneficiam dos lucros auferidos dos cafezais, frequentando a escola e tendo a possibilidade de prosseguir nos estudos. Aliás, ao ser questionada em relação aos seus estudos, Oliderce Tonon Angelotti recorda:

Quem estudou mais foi a Dirce [irmã de Oliderce],... ela foi professora né...ela é formada professora [...] ela estudou um pouco mais, ela fez até a quarta série e depois fez aquele outro curso que era de professora [...]. É... mas eu não...eu fiz até a quarta e o meu irmão não estudou nada...nem até a quarta ele estudou, ele não gostava de estudar e não terminou nem a quarta série. E a mais velha também, fez até a quarta série. Quem estudou mais foi a Dirce, porque ela fez bastante curso, porque era professora né?

Na próxima imagem vemos representada a família de Irene Negri Coluci.



Foto 8: Autor: desconhecido. Acervo particular de Irene Negri Coluci. Acesso em setembro de 2007

O local escolhido para se tirar a fotografia é o terreiro de secagem do café. Aliás, são recorrentes as fotos de família que escolhiam esse local como cenário. O terreiro fazia parte do cotidiano das famílias de cafeicultores e integrava a paisagem do seu dia-a-dia. Geralmente, ele era erguido nas proximidades das moradias e constituía uma área privilegiada. Seu tamanho variava de acordo com a produção máxima esperada ou com o número de cafeeiros da propriedade. Na época das colheitas servia para a secagem do café em “coco”, fase fundamental do processo de beneficiamento do produto; posteriormente, era utilizado até em atividades de lazer, como pequenas reuniões sob o luar ao som de “modas de viola”.

Como adverte Lapa, o terreiro era um espaço de quatro a cinco mil metros quadrados de terra batida, depois revestido de pedra, ladrilho ou tijolo, cimento ou asfalto, destinado à secagem dos frutos do cafeeiro⁴⁰. Nesse sentido, Argollo complementa:

⁴⁰ ARGOLLO, op.cit., p. 66.

O terreiro de café, já no século XIX, mesmo quando ainda não pavimentado, era considerado uma das construções mais importantes da fazenda, pois destinava-se à secagem do produto, após a colheita e antes do beneficiamento. Deveria ser construído de terra batida, com algum declive, de maneira a permitir o escoamento das águas de chuva sem enterrar o grão⁴¹.

Talvez por todas essas razões, inúmeras fotografias eram registradas nesse local. Como podemos notar na imagem, em primeiro plano o fotógrafo procurou privilegiar a família no terreiro de café e ao fundo observa-se o cafezal. A criança que segura a mão do pai parece tímida ao tirar a foto, afinal, na década de 1950 não era muito comum posar para as lentes de uma câmera fotográfica.

Enfim, ao concluirmos este artigo salientamos que o processo de (re) ocupação no Norte do Paraná, em especial das regiões do Norte Novo e Norte Novíssimo, decorreu da expansão da lavoura cafeeira e da participação de empresas particulares na região. O café, principal fator de (re) ocupação e valorização econômica das terras Norte - paranaenses acarretou uma enorme expansão econômica e demográfica no Estado ao provocar a imigração de um considerável contingente populacional para a região. Neste processo, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná teve importante papel, organizando o loteamento e a venda de terras e fundando grande número de cidades, entre elas, Marialva.

Os efeitos da Grande Depressão de 1929 sobre a produção de café no Estado de São Paulo levaram inúmeros agricultores paulistas a abandonarem seus cafezais e partirem com suas famílias rumo ao Paraná, nas décadas de 1930 e 1940. Esses indivíduos se aventuraram em busca de terras férteis e de custos de produção condizentes com os preços do produto. Neste contexto, chegaram a Marialva os primeiros produtores de café, em sua maioria descendente de japoneses e italianos, ávidos por novas oportunidades de trabalho e enriquecimento.

⁴¹ *Ibidem*, p. 118.

O critério utilizado na seleção dos depoimentos orais e imagens fotográficas baseou-se na intenção de captar, através deles, as histórias, as memórias e as práticas em torno do cultivo do café em Marialva, entre os anos de 1940 e 1960. Ao tomarmos como ponto de partida a idéia de que toda fotografia é uma produção do social, pudemos, mediante a contextualização das imagens fotográficas e dos depoimentos orais, “dar voz” aos sujeitos até então silenciados.

Por meio dos depoimentos destes moradores, constatamos a relevância efetiva dos métodos da história oral e da perspectiva de induzir os entrevistados a compartilhar suas reminiscências e registros fotográficos referentes a uma época de suas vidas. Essas contribuições individuais partilhadas por membros das mais diversas comunidades oferecem subsídios essenciais para a produção de outro olhar sobre a história do município e das pessoas que nele vivem ou viveram. Ademais, verificamos que essas memórias foram partilhadas com satisfação e prazer pelos entrevistados, os quais se mostraram sempre prestativos e interessados na pesquisa. Conquistando a confiança dessas pessoas, notamos o quanto se sentiram honradas em percorrer as trilhas de seu passado e compartilhar experiências de suas vidas. Desse modo, também passaram a atribuir outro valor aos seus “velhos” álbuns de família, até então esquecidos em alguma gaveta de suas casas.

Os vestígios de um passado coletivo implicaram na atribuição de um novo significado àqueles acontecimentos. Os questionamentos levantados nas entrevistas suscitaram temas variados, como família, moradia, lazer, religião e cotidiano. O contato com as antigas fotografias contribuiu de modo salutar para a retomada das vivências do passado e, pouco a pouco, aquelas pessoas foram revelando o significado que a cultura do café adquiriu na vida dos marialvenses. O plantio, a colheita, o beneficiamento e a venda desse produto, naquele período, fizeram parte do cotidiano destas famílias. Os pés de café e o terreiro constituíram locais de referência para tirar fotografias.

Entendemos, ainda, que o presente artigo desvelou especificidades e outras histórias referentes ao município de Marialva e aos modos de viver de alguns de seus moradores. Sem dúvida, o trato da fotografia como documento nos possibilitou retomar aspectos de uma realidade passada, reavivada na memória de antigos moradores do município. As imagens recuperaram fragmentos das ações e experiências compartilhadas por esses sujeitos, dando-nos pistas para melhor compreender particularidades do desenvolvimento da economia cafeeira marialvense e na região ao seu entorno.

**Histórias e Memórias dos cafeicultores no Paraná:
o cotidiano e as práticas de trabalho
da população de Marialva (1940-1960)**

Amanda Palomo Alves e Sandra C.A. Pelegrini

Resumo: O presente artigo pretende, a partir de registros de histórias de vida, destacar alguns aspectos sobre o cotidiano e as práticas de trabalho das pessoas que viveram no Município de Marialva (região Noroeste do Paraná) entre os anos de 1940 e 1960. Além da coleta de depoimentos orais de alguns dos primeiros moradores da cidade, recorreremos ao uso de fotografias referentes ao período mencionado. Os temas representados nas memórias fotográficas pautaram-se, sobretudo, no trabalho e no cotidiano das famílias que cresceram em torno da economia cafeeira e as histórias rememoradas pelos antigos moradores de Marialva nos permitiram refletir sobre as experiências vividas por estes sujeitos históricos no período em questão.

Palavras-chave: Memórias; Histórias; Município de Marialva; Cafeicultores.

Abstract: This article intends to record life stories that reveal the daily life and practices of people who lived in the city of Marialva (Northwest of Paraná) between the years 1940 and 1960. Therefore, we present a collection of oral testimonies of some of the earliest inhabitants of the city as well as photos of the mentioned period. The themes in the photographic memories are unique and fast, especially in work and daily lives of families that grew around the coffee economy and the stories remembered by former residents of Marialva allowed us to reflect on the experiences of these historical subjects in the period in question.

Keywords: Memories; Stories; City of Marialva; Coffee Growers.

Recebido em: 09/06/2010

Aprovado em 09/08/2010